

## A ressurreição de Lisboa antiga

José d'Encarnação<sup>1</sup>

### Resumo

Partindo da leitura do livro *Segredos de Lisboa*, que propõe uma visita pelos surpreendentes vestígios arqueológicos existentes sob as ruas da capital portuguesa e recentemente postos a descoberto, dá-se conta da relevância desses vestígios para se compreender o papel que a cidade desempenhou nas mais variadas épocas da história, desde a Idade do Ferro até à actualidade, debruçando-se, de modo especial, sobre o período romano. Salienta-se a mudança de atitude das entidades oficiais e particulares em relação à necessidade de reabilitação desses materiais do Passado.

**Palavras-chave:** Lisboa, *Olisipo*, teatro romano, terramoto de 1755, arqueologia urbana.

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

## Abstract

Reading *Segredos de Lisboa*, we will observe the exceptional relevance of the archaeological vestiges discovered by the archaeologists in the underground of Lisbon. So, a guided trip is proposed by each one of these evidences: the Roman theatre, the Roman walls, the cloister of the Cathedral, the castle and his transformations long the time... The Lisbon of all the times, an important port of the rive Tagus, is now reviving face the astonished eyes of the visitors.

**Key words:** Lisbon, *Olisipo*, roman theatre, earthquake of 1755, urban archaeology.

Quando, no ano lectivo de 1965-66, o Professor Luís Filipe Lindley Cintra se apercebeu que muitos estudantes do curso de História haviam escolhido, como opção, a sua cadeira de Literatura Portuguesa I, não esteve com meias-medidas: mudou o programa para que nele se estudassem os historiadores medievais e os dos primeiros tempos da Época Moderna. Sim, demos também as cantigas de amigo e as de escárnio e maldizer, integrando-as na problemática histórica da época, mas a ênfase foi para as Cantigas de Santa Maria, o Poema del Mio Cid, os cronicões e os historiadores de Quatrocentos e Quinhentos.

Deliciámo-nos, pois, com Fernão Lopes, cujas crónicas começavam então a ser analisadas doutra maneira, pois o professor estava a preparar a edição portuguesa do renovador estudo levado a efeito por William J. Entwistle, que viria a ser publicado em 1968.

Instilava-se-nos aquele olhar para o crescente poder do Povo e a «revolução» era... a Revolução!

De tudo, porém, houve uma frase que jamais esqueci e para que Lindley Cintra nos chamou particularmente a atenção: «Ora esguardai como se fosseis presentes...». Este inovador diálogo a que o cronista soube lançar mão para atrair o leitor.

Essa frase me ocorreu de imediato, ao ler o livro *Segredos de Lisboa*, da autoria de Inês Ribeiro e Raquel Policarpo, que traz por subtítulo «Vestígios arqueológicos surpreendentes sob as ruas da capital portuguesa». Editado por A Esfera dos Livros, de Lisboa (1ª edição, Julho de 2015), tem 240 páginas + 4 folhas em papel couché para mostrarem, em boas fotografias a cores, alguns dos sítios contemplados na visita.

E a frase do cronista me surgiu porque bem poderiam as autoras tê-la escrito, dado o estilo de diálogo que cedo somos levados a entabular com as personagens ali presentes. Personagens? – perguntar-se-á. – Mas não é de vestígios arqueológicos que se trata? Sim, é. Imaginam-se, no entanto, vestígios sem criaturas? Um poço sem mulher de cântaro à cabeça que lá vá buscar água? Teatro sem algazarra de actores? Hipódromo sem escravo a segurar cavalo? Ancoradouro sem vozeria de marinheiro e mareantes?... Não, não se imaginam. Por isso, Inês Ribeiro e Raquel Policarpo povoam de personagens as paisagens arqueológicas que serenamente nos vão mostrando.

Importa referir que a obra vem na sequência das mais recentes descobertas feitas no subsolo lisiponense. E, nos últimos anos, mercê de – finalmente! – entidades públicas e privadas terem descoberto que

não só de sol e mar e restaurantes *gourmet* se alimentam os que nos visitam, as obras estão a ser devidamente acompanhadas e são salvaguardadas estruturas e materiais susceptíveis de encantar forasteiro e residentes (cf. Bugalhão 2016).

Já se assinalaram essas iniciativas (Encarnação 2018 [bis]); há bibliografia bem elucidativa da importância do hipódromo, do complexo de fabrico de conservas, do ancoradouro... para o estudo e valorização da Lisboa romana. Um banco facultava visitas à cave onde se mostram estruturas do tempo dos Romanos; nas vitrinas de um parque de estacionamento subterrâneo se dá conta de como, ao subir as escadas até à superfície, se pode imaginar uma subida nos milénios, desde a Pré-História até à modernidade; um hotel faz gala da sua muralha romana e delicia-nos com o mosaico em que a deusa Vénus há séculos que tenta descalçar uma sandália!...

O que as autoras nos propõem é, portanto, essa visita. Preparado para publicação no decorrer do ano de 2014, do livro não constam algumas das singulares descobertas feitas posteriormente; mas não faltará uma 2ª edição para as incluir, porque cada visita tem acompanhante próprio e eles estão ansiosos por ainda nos mostrarem mais e mais!

Dir-se-á, por exemplo, que é pela mão de *Sempronianus* que vamos ao teatro e no teatro acabamos por nos passear, caso não haja também uma representação antiga ou uma 'instalação', como hoje se diz, para tornar mais vivo o ambiente.

«Passeamo-nos», disse bem. Pois visita não pode ser como a daquele oriental a quem perguntaram «Gostaste da viagem?» e ele respondeu «Ainda não sei, porque não vi as fotografias que tirei!».

Nada de pressas nem de impreparações! Em cada capítulo vem explicação pormenorizada; lê-se em casa, com atenção, põe-se marca a assinalar o capítulo e leva-se na mão, como guia.

*Sempronianus?* Esse *cognomen* não nos faz lembrar ninguém? Sim, esse mesmo, o de *Marcus Cassius Sempronianus, Olisiponensis*, que foi *diffusor olearius* e cuja memória nos chegou através de uma inscrição encontrada em Tocina, perto de Sevilha (AE 1984, 526). Aí se dedicou ao comércio do azeite, certamente – como dizem os entendidos – o bom azeite da região de Lisboa<sup>2</sup>. A certamente relevante acção deste comerciante, pertencente a uma das mais conhecidas famílias de *Olisipo*, os *Cassii*<sup>3</sup>, tem sido historicamente enquadrada pelos especialistas (Loyzance 1986); contudo, o que ora nos importa realçar é ser ele o guia escolhido para nos acompanhar ao teatro, um momento de pausa, salientam as autoras, uma vez que «desde que estava em *Olisipo* já tinha visitado várias fábricas de *garum* e alguns comerciantes que passavam os seus dias no fórum portuário», dado que, «ao fim de tantos anos a sua mente nunca cessava de procurar novos produtos e clientes que alargassem o negócio da família» (p. 50). O teatro: «Encaixado na encosta, era o típico teatro romano com bancadas semicirculares, escavadas na rocha para aproveitar o declive» (p. 51).

---

<sup>2</sup> Recorde-se, na zona ocidental da chamada Península de Lisboa, a frequente ocorrência de topónimos como Zambujeiro, Zambujal, a indiciar a abundância de olivais; a presença, na *villa* romana de Freiria, de um lagar de azeite (Cardoso, 2018, p. 99-105). E, na zona oriental, a frase idiomática «correr ceca e meca e olivais de Santarém»!

<sup>3</sup> Membros da sua família deram nome a famosas termas da cidade: as Termas dos Cássios (Encarnação 2009).

E, antes de entrar no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, espreitamos sorratamente o pescador, que, «sentado à sua porta», «apressa as mãos e tenta dar os últimos pontos na rede que estava a remendar»; é que «se não conseguisse acabar a tarefa enquanto ainda havia sol, não poderia voltar ao rio na manhã seguinte, o que significaria mais um dia de trabalho perdido» (p. 17). Por detrás das pedras frias e aparentemente mudas, está, na verdade, o Homem, muitos homens, que foram plasmando a cidade.

São 17 os pontos descritos, devidamente assinalados no mapa, com as coordenadas, hoje facilmente acessíveis através de simples telemóvel:

– O castelo de S. Jorge, «um gigante de vigia à cidade», capítulo que é pretexto para se explicar o que por ali se encontrou, testemunhos que falam de uma ocupação humana desde a Idade do Ferro («entre os séculos VII e II a. C.» – p. 31) até ao tempo de D. João I e sucessores, guiados, de certo modo, pelas recordações de D. Mécia, a cozinheira da casa real.

– O referido Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, qual «bolo de camadas sob a sede de um banco» (pp. 35-46), com visitas guiadas nos dias úteis, «à hora certa, todos os dias, das 10 às 17».

– No teatro (pp. 47-58), o tal que «viu crescer a cidade romana, testemunhou a queda de um império e a chegada de outros» e que, «apesar de escondido, esteve presente enquanto Lisboa caía e se reconstruía, aguardando o momento em que novamente se poderia exhibir ao público» (p. 58), no teatro ouvir-se-á falar do liberto *Caius Heius Primus*, que, no tempo do imperador Nero, mandou renovar o

*proscenium*, por exemplo, e a *orchestra cum ornamentis*, como reza uma inscrição de que se recuperaram fragmentos.<sup>4</sup>

– Misteriosas durante muito tempo, são agora compreensíveis as «galerias romanas da Rua da Prata», a documentarem «a longa história de um criptopórtico» (p. 59-69).

– Mas, já que se fala em mistério, ele também envolve – e muito! – o claustro da Sé de Lisboa (p. 71-83), ninguém diria!

– Mantendo-nos em ambiente sacro, ficamos a saber que a «cripta da igreja de Santo António» (p. 85-94), visitável das 8 às 19 horas, patenteia claramente a «longa amizade entre Lisboa e o seu santo». Não, não é Santo António o padroeiro de Lisboa, como se poderia pensar, mas São Vicente; todavia, são, no entanto, o seu dia, 13 de Junho, feriado, e a noite que o antecede, que preenchem o coração dos lisboetas.

– Partilhamos a vida de um casal, Sarah e Isaac, no preâmbulo de uma história cheia de peripécias, a da muralha de D. Dinis: «Sarah espreitou pela janela e acenou discretamente, despedindo-se de Isaac, enquanto este saía para mais um dia de trabalho» (p. 97).

– E muralhas por muralhas, a cidade usufruiu da protecção de várias, ao longo dos tempos. É a vez, agora, de olharmos para a que el-rei D. Fernando mandou erguer. «Um abraço de pedra» lhe chamaram as autoras (pp. 109-120).

---

<sup>4</sup> É a inscrição CIL II 183, que tem merecido a atenção dos investigadores. Cite-se, v. g., dois dos trabalhos da actual responsável pelo monumento, Lúcia Fernandes: 2006-2007 (em colaboração), 2007 e 2016 (pp. 254-287).

- Lugar também para a análise de um hospital, o de Todos-os-Santos, enquanto escutamos as conversas da Lavadeira, escandalizada por el-rei D. João III ter «dado ordem para que o cirurgião Duarte Lopes ensinasse as coisas do corpo aos seus alunos» (p. 124). Para isso, usar-se-ia «o corpo dos mortos, abrindo-os e mexendo nos seus interiores, como se de animais se tratassem!» (p. 125). Uma forma deveras sagaz, admita-se, de introduzir o capítulo, aparentemente desprovido de interesse para suscitar desejo de visitas... O certo é que as escavações levadas a efeito na zona da Praça da Figueira, quer para o metropolitano quer para o parque de estacionamento subterrâneo, permitiram saber mais sobre o antigo hospital: «Algumas mangas de botica exibiam o símbolo do hospital, um S dentro de um O, que significava *omnium sanctorum*, 'de todos os santos', que também se encontra em azulejos, placas de propriedade e é referido como estando marcado nos bibes azuis das crianças enjeitadas do hospital» (p. 135). Por sinal, também se encontrou ali uma necrópole romana com inúmero e deveras interessante espólio. Nada se pensou apresentar à superfície para que se soubesse que, «sob os pés de quem hoje passeia pela Praça da Figueira», algo de importante existiu outrora. E é pena. Ficam as páginas deste livro – para não se olvide!

- Trata o capítulo 10º (pp. 139-149) da Casa dos Bicos e do que foi a sua evolução até à actualidade, em que uma parte é ocupada, desde 2008, pela Fundação José Saramago. Também ali se fizeram escavações, aquando da reabilitação do singular edifício para sede da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, cujo espólio pode ser admirado no piso inferior.

– «O passado espreita onde menos se espera» é o subtítulo do capítulo 11 (pp. 151-161), que se ocupa – imagine-se! – do WC do Largo da Sé, páginas que dão às autoras ensejo para uma evocação do que poderia ter sido o alarme das gentes nos momentos do terramoto de 1755. Aliás, o terramoto, pelo que soterrou e pelo que pôs à mostra, é uma referência recorrente no livro. Houve uma casa ali, talvez uma loja ou armazém, e «a espessura da parede, bem visível na ombreira da porta e na janela, parece indicar um edifício forte e sólido, de alguma qualidade». Quem o havia de dizer? Vestígios arqueológicos visíveis num sanitário público!...

– Acertaram as autoras na qualificação dada aos «Armazéns Sommer»: «uma agradável caixinha de surpresas» (pp. 163-172). E ainda não sabiam então o que veio a saber-se depois e que já houve oportunidade de contar (Encarnação 2018, Neto *et al.* 2017). Hoje podem visitar-se os vestígios aos domingos de manhã, com excepção dos hóspedes do Hotel Eurostars Museu, para quem estar ao lado de tantas antiguidades não poderá – de jeito nenhum! – ser indiferente. E até se descobriu ali a mais antiga estela da Europa ocidental escrita em... fenício! (Neto *et al.*, 2016). Um valioso achado!

– O capítulo 13 é especial, porque, se um palácio (o dos Marqueses de Marialva) veio a acabar em casebre, a oportunidade foi aproveitar para se falar dessa sangria que é fazer sair do centro das cidades famílias que nele residem há gerações, só porque... interessa modernizar, interessa criar um novo desenho urbano, interessa, enfim, o vil metal em vez da sadia vizinhança. Aqui, é o Rocha, que tem casa de mui apreciados petiscos, que tem de «arrumar os seus tarecos» (p. 176), porque, garante, «esta zona agora já não é nossa, vai

ser para os ricos, para as damas e os cavalheiros» (p. 177). A construção do parque de estacionamento da Praça Luís de Camões, onde estavam os Casebres do Loreto, permitiu, todavia, aos arqueólogos colher elementos assaz interessantes para, com eles, refazerem a história do local. E que história admirável foi essa!

– Deplorávamos amiúde o facto de Lisboa ter voltado as costas ao Tejo. Como era possível que tal pudesse ter acontecido? Acordou-se agora e o Povo voltou de novo a poder usufruir do leve marulhar da ondulação, do suave trabalhar dos motores das embarcações, do grito das gaivotas em busca de reconfortante cibo... Sobre isso se escreve no capítulo 14 (pp. 189-206).

– Do Aqueduto das Águas Livres se pensa frequentemente que o vestígio maior – e quiçá único – é aquele tramo monumental por cima da actual Avenida de Ceuta. Esquece-se o «labirinto de água debaixo dos nossos pés», que as autoras nos dão a conhecer (pp. 207-222). Pretexto bom para se contar a vida dos aguadeiros e as suas vicissitudes: «Alfredo Bagaço era um dos aguadeiros mais conhecidos ali na zona da Madragoa. Pequenininho e entroncado, sempre bem-disposto e brincalhão...» (p. 207).

Um vetusto quotidiano, por conseguinte, a sabiamente se entrelaçar, nestas páginas, com a história. Esse, um dos aliciantes do livro, que, por vezes, chega a parecer-nos romance, quando queremos saber mais das personagens e as autoras, quase por maldade, interrompem a história e começam a contar-nos a... História!

Se se recomenda a leitura? Evidentemente. Por esse conluio entre ficção e apresentação singela dos dados arqueológicos fundamentais para uma compreensão correcta da Arqueologia

olisiponense, aqui despojada de ademanos escusados e apostada em aliciar os amantes do património arqueológico de uma notável cidade com milénios de História, afinal!

Completa o volume uma bem nutrida e actualizada bibliografia (pp. 223-235).

## Bibliografia

AE = *L'Année Epigraphique*, Paris. [Indica-se o ano e o nº da inscrição].

BUGALHÃO, Jacinta, «Arqueologia Urbana em Lisboa – Da intervenção preventiva à divulgação pública», in I. P. COELHO *et al.* (eds.), *Entre Ciência e Cultura: da Interdisciplinaridade à Transversalidade da Arqueologia* (Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica), Lisboa: CHAM, IEM, Dezembro de 2016, pp. 467-474.

CARDOSO, Guilherme, *Estudo Arqueológico da Villa Romana de Freiria (Cascais, Portugal)*, Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2018.

CIL II = HÜBNER, E. (1869 e 1892), *Corpus Inscriptionum Latinarum – II*. Berlim: Academias das Ciências.

ENTWISTLE, William James, *Cronica del Rei Dom Johan I de boa memoria e doz Reis de Portugal o decimo. Parte segunda escrita per Fernão Lopes e agora copiada fielmente por William J. Entwistle*, Lisboa, 1968.

ENCARNAÇÃO, José d', «As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade?», in Jean-Gérard GORGES, José d'ENCARNAÇÃO, Trinidad NOGALES BASARRATE e António CARVALHO [edit.], *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade* (Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana), Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2009, pp. 481-493. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/12857>

ENCARNAÇÃO, José d', «Criptopórtico romano no subsolo de Lisboa, em plena Baixa», *Jornal da Costa do Sol* [Cascais], 01-09-1973, pp. 4 e 6. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/12960>.

ENCARNAÇÃO, José d', «Lisboa romana não cessa de nos surpreender!» <https://notascomentarios.blogspot.com/2018/04/lisboa-romana-nao-cessa-de-nos.html> (publicado a 30 de Abril de 2018).

ENCARNAÇÃO, José d', «As ruínas da Lisboa romana...», *Al-madan on line* #22 (tomo 2), Julho 2018, pp. 107-110. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/80190>

**José d' Encarnação**

FERNANDES, Lúcia e CAESSA, Ana, «O *proscenium* do teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico», *Arqueologia e História*, 58/59, 2006-2007, pp. 83-102.

FERNANDES, Lúcia, «Teatro romano de Lisboa – os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica». *Al-madan* 15, 2007, pp. 27-39.

FERNANDES, Lúcia, *Viagem ao Passado Romano na Lusitânia*, Lisboa: A Esfera dos Livros, 2016.

LOYZANCE, Marie-France, «À propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, diffusor olearius», *Revue des Études Anciennes*, 88, 1986, pp. 273-284.

NETO, Nuno *et al.*, «Uma inscrição lapidária fenícia em Lisboa», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, 2016, pp. 123-128.

NETO, Nuno *et al.*, «Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015) – Três mil anos de história da cidade de Lisboa», *Actas do I Encontro de Arqueologia de Lisboa (Novembro de 2015)*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa, 2017, pp. 222-245.

RIBEIRO, José Cardim, «Breve nota acerca do criptopórtico de Olisipo e da provável localização do “forum corporativo”», *Encontro de Arqueologia Urbana*, Braga, 1996, pp. 191-200.

